

1985

A primeira carta anônima foi entregue pelo porteiro do prédio onde moravam, no Sumaré, em São Paulo, pouco antes de se mudarem para uma casa dos Jardins. Alexandre estava para completar onze anos e a correspondência fora endereçada a ele! Era um envelope todo colorido, insinuando-se como infantil. O remetente escreveu poucas linhas, parecendo ter avaliado bem as condições ao se dirigir a alguém com essa idade. Mas assim mesmo, o conteúdo produzido numa máquina de escrever com a letra “s” defeituosa não era brincadeira. Dizia assim:

Alexandre

Você não sabe quem eu sou, mas não se importe com isso. No fim, quando eu lhe contar umas coisas, você compreenderá tudo e poderá julgar se fui ou não um bom amigo. Esta cartinha vai apenas ajudar você a conhecer melhor seu pai. Não estranhe. Apenas leia até o fim. Algum dia ele deixou você assistir a um desses filmes violentos em que os caras dão socos, tiros e até se matam? Se deixou, vai ser fácil pra você imaginar como seu pai é na verdade. Ele é um homem rude e violento. Não duvide, Alexandre. Para você, ele pode parecer diferente, mas quando ele pega as pessoas nas armadilhas que o exército faz por aí, nem queira estar por perto. Ele bate, castiga e faz coisas medonhas. Isso mesmo. Sei que deve ser difícil ler isso sobre o próprio pai, mas é a verdade. E você precisa desde já saber da verdade.

Seu amigo secreto.

Mesmo sendo um menino, Alexandre soube da gravidade contida na mensagem. Ele não disse nada ao pai. E por enquanto nem mesmo à mãe, com quem podia conversar mais abertamente, liberto das dificuldades intrínsecas da relação mantida com o coronel Santiago Neto. Já nessa época havia entre os dois uma barreira difícil de ser detectada tanto por um como por outro. Mas havia. Quando iam ao Ibirapuera aos domingos, às vezes Alexandre levava tombos de bicicleta, mas em seguida só ouvia a voz serena e impostada

do pai: “Vamos lá, levante, vamos em frente”. Não importavam os arranhões nas pernas ou os fios de lágrimas na face. Não adiantava esperar por uma mão que pudesse erguê-lo ou consolá-lo. Alexandre parecia já ter adquirido consciência sobre as reações quase indiferentes do coronel, um homem de boa estatura, cabelos castanhos e olhar grave que passara grande parte de sua existência dentro dos quadros do exército brasileiro. Apenas uma vez, quando realmente enfrentou um problema um pouco mais sério ao torcer o joelho jogando futebol, teve uma ajuda efetiva, sendo erguido pelos dois braços paternos e sustentado enquanto andava com uma perna só na direção do atendimento médico. Em todas as outras ocasiões foi sempre a mesma coisa: “Vamos lá, levante, vamos em frente” ou palavras semelhantes, como se fossem emitidas num campo de treinamento militar.

Confuso diante da surpreendente carta anônima, cujos reflexos se misturavam aos estranhos sentimentos que não sabia explicar a si mesmo quando pensava no coronel, ele talvez sentisse pela primeira vez desabar sobre a cabeça a sensação negativa mais pungente que pode nos abalar numa vida inteira: o medo quase inconfessável do próprio pai.

Ele frequentemente confiava seus pensamentos à mãe. Mas para uma criança, e principalmente um menino, confessar a qualquer pessoa, mesmo à mãe, sobre o medo imposto pelo pai não é o mesmo que falar de uma desordem promovida com os colegas na escola. Não é tão simples assim. Suas confissões a respeito do assunto se detinham numa dimensão menos profunda. Quando Juliana, a irmã então com seis anos, tropeçou na praia e foi de boca ao chão sem que o pai se decidisse a tomá-la nos braços para lavar o barro escorrendo dos pequenos lábios entreabertos pelo choro, quando o pai se postou diante da menina de modo hesitante esperando pela chegada da mulher, a doutora Dagmar, que ao ver a cena corria para o local, Alexandre teve ímpetos de se aproximar dele e também empurrá-lo de boca ao chão, conforme contaria depois à mãe. Teve raiva do coronel. Achava que ele não gostava dos filhos. Que, aliás, odiava os filhos.

Contudo, poucas semanas após o episódio, a família começou a preparar a mudança. A perspectiva de uma casa com quintal onde poderiam criar um ou

dois cachorros, a bagunça inevitável de caixas e bugigangas espalhadas pelos cômodos, a movimentação para arrumar tudo em tempo hábil, todas essas tarefas capazes de mudar o simples cotidiano, uma verdadeira dor de cabeça para adultos mas motivo de excitação para crianças, acabaram abafando os pensamentos ruins de Alexandre. O próprio coronel se mostrava animado naquele início de dezembro. Aliás, já dava sinais de estar assim havia vários meses. Embora não expusesse publicamente sua análise, nutria uma grande satisfação diante da nova circunstância política propiciada pelo governo civil. Ao contrário da maioria, considerava que a posse de Sarney fora uma solução melhor do que teria sido a de Tancredo. Para ele, em termos conceituais, era melhor que a contenção sempre suplantasse a euforia, especialmente em se tratando de política. E nesse caso havia ainda o fato de Sarney estar intimamente ligado ao poder que agora migrava dos militares aos civis. Sarney era presidente do PDS, partido de Figueiredo, último mandatário militar da velha república.

Mas acima disso, ao menos para ele, parecia nascer com o novo governo uma mudança de ordem institucional que lhe soava correta. Dizia à mulher se sentir como que aliviado. A morte de Médici dois meses antes se configurava, simbolicamente falando, como o recado definitivo a respeito do que os militares deveriam fazer dali em diante: cuidar da segurança nacional, trabalhar nas fronteiras, ajudar nas ruas as populações necessitadas, formar soldados melhores do que eles todos haviam sido. Mas em razão de sua postura disciplinada e reservada, essas eram ideias ditas somente na cama, quando ele se enlaçava às pernas roliças da doutora Dagmar e cochichava em seu ouvido com a voz ainda mais grave: “Venha cá, agora vamos brincar de médico”.

Naquele quase início de verão, ele estava tão animado que se dispunha a dispensar uma ou outra atenção inesperada aos filhos. Na véspera da mudança, por exemplo, Alexandre assistiu à chegada do pai enquanto se esgueirava com as duas irmãs pequenas em brincadeiras por entre as caixas com roupas, louças e uma enorme variedade de pequenos objetos embalados para serem transportados no dia seguinte. O coronel Santiago Neto parou,

sorriu e ao passar por eles dispensou a cada um sua máxima expressão de carinho: um leve roçar de dedos que despenteava levemente seus cabelos. “Comportem-se, crianças! Não quebrem nada! Alexandre, cuide de suas irmãs.” E em seguida os deixou lá com seus rostos afogueados sob sorrisos de alívio. A despeito dos receios em relação ao pai, o menino parecia deixar de lado suas mais recentes preocupações. Poucos dias após suas primeiras queixas à mãe, quando a doutora Dagmar lhe perguntava sobre como se sentia, ele parecia agora se mostrar mais calmo. Ela então também se tranquilizava e julgava que se tratava de uma fase pela qual passa todo filho homem na relação com o pai, especialmente quando este é um militar desejoso de um futuro brilhante para seu filho homem.

A nova casa, um sobrado simples, mas com quatro quartos no segundo piso, tinha um bom quintal nos fundos, quase inteiramente gramado entre uma pequena varanda à porta da cozinha e a área de lazer, que era toda coberta e abrigava churrasqueira e espaço para várias mesas e cadeiras. A grama, entremeada por alguns caminhos de pedra branca, só era interrompida pela piscina de média proporção, mas em compensação se estendia também por uma das laterais do sobrado até chegar ao portão da frente, por onde também entravam os carros. Numa noite quente e limpa em que até se podia ver uma ou outra estrela sobressaindo à força da iluminação urbana, o aniversário de onze anos de Alexandre foi comemorado ali.

Faltavam poucos dias para o Natal e o coronel Santiago Neto havia encomendado a decoração com pequenas lâmpadas coloridas circundando os galhos das duas árvores, uma bem em frente à porta de entrada e a outra ao lado da grande janela de vidro da sala de estar. O terreno era cercado por um muro alto com uma infinidade de cacos de vidro de uma ponta à outra de toda sua extensão. Nos anos 1980 aquilo parecia ser suficiente para evitar roubos! Alexandre e suas irmãs menores, Juliana e Valquíria, assim como as demais crianças dos convidados, não se cansavam de admirar os enfeites. A cada meio metro, o electricista havia instalado um pisca-pisca e seu efeito à noite

atraía os olhares hipnotizados dos meninos e meninas, como se estivessem observando um bando de vaga-lumes em plena metrópole paulistana.

Às vezes, com a desculpa de ver como estavam se saindo as crianças, o coronel abandonava por alguns instantes seus convidados para ele mesmo erguer os olhos em direção às árvores onde cintilavam as luzes. Não sabia explicar o motivo, porque nem mesmo se considerava religioso, mas o clima do Natal lhe causava uma comoção íntima tão sufocante, que em algumas oportunidades, como lhe ocorria naquela noite, precisava disfarçar a dispersão que o envolvia. Por alguns segundos o coronel permitia à mente lhe trespassar uma sombria justificativa: por mais esforço que fizesse, não podia se lembrar dos Natais de sua infância. Mas logo se desviava de tais conjeturas porque não lhe parecia ser justo criar, além de tudo que já houvera, qualquer aspecto negativo a um período de tamanha luta de sua mãe para criá-lo sozinho e fazê-lo encontrar a direção correta para se tornar alguém na vida. O pai os havia abandonado quando ele mal completara seis anos de idade.

A surpresa para Alexandre estava marcada para nove e meia. Nem mesmo a doutora Dagmar sabia. O menino, então já com uma boa estatura, os olhos negros como os da mãe, grossas sobrancelhas, lábios delgados como os do pai, e cabelo mais comprido do que o coronel gostaria, disfarçava sua frustração por não ter recebido dele um presente sequer. Em sua mente, a dúzia de pacotes já abertos e deixados sobre uma mesa na área de lazer teria merecido ao menos uma companhia um pouco mais significativa. Os brinquedos de guerra, as caixas de jogos, um bonito tênis da moda e outros objetos entregues a ele conforme chegavam os oficiais do exército e dois ou três civis mais próximos, compunham um cenário menos animador do que o do ano passado, quando ele ganhara uma bem equipada bicicleta. Além disso, a frustração de Alexandre se intensificava também porque aquela aparente indiferença contrariava suas perspectivas mais recentes. Depois de ter recebido a carta anônima, de ter assimilado seu golpe, depois de se deixar levar pelo medo e até pela raiva, ele parecia ter conseguido ocultar esses sentimentos num compartimento isolado de seu íntimo, onde não dava para vê-los ou sentir sua presença desagradável. Ele se convencera de sua estupidez.

Como lhe dissera a doutora Dagmar, muitas vezes na vida não podemos esperar que nos dêem tudo o que desejamos.

Pensando nessas palavras, o garoto se esforçava para dirigir ao pai outros olhares. Se não havia a proximidade sonhada por ele, o pai ao menos nunca lhe faltara, nunca o tratara mal, nunca havia erguido a mão para lhe repreender fisicamente, como ele próprio já observara acontecer com um ou outro amigo. Dá para imaginar que Alexandre se perdesse em pensamentos desse gênero quando soou a campainha. Já por alguns minutos, o coronel o sondava em seus movimentos dispersos em redor das árvores enfeitadas para o Natal. Parecia nem mesmo ter ouvido chamarem. Enquanto se dirigiu ao portão da frente, o pai lhe pediu que fosse até a área de lazer buscar uma coisa qualquer. Quando ele retornou, o coronel o aguardava embaixo da árvore, onde vaga-lumes elétricos piscavam sem parar. Havia uma caixa grande ao seu lado. Alexandre mal pôde se equilibrar sobre as pernas. Sempre fora um menino inteligente, quem sabe bem acima da média. Ao observar o caixote cravado com diversos furos redondos, ele já decerto tivesse ao menos uma ideia aproximada do que poderia ser seu conteúdo: filhotes de cães.

O menino levou uma das mãos para cobrir a boca, evitando talvez um grito de alegria, e até nesse momento pareceu se manter numa postura de homem adulto que procura conter emoções fortes. O coronel o observou atentamente. O coronel estava sentindo no peito aquela sensação angustiante que sempre o acompanhava ao se deparar com a felicidade de um dos filhos, e sobretudo quando se tratava de Alexandre. Alguma coisa inexplicavelmente o retinha numa profusão de sentimentos indefinidos enquanto a força de seu coração era insuficiente para projetá-lo ao encontro daquela felicidade irradiada bem diante de seus olhos. O menino não sabia se agradecia ao pai ou se antes abria a caixa. “Vá em frente, abra!”, incentivou o coronel, agora em meio à agitação dos convidados, todos então devidamente inteirados sobre a chegada de uma surpresa. Quando começou a afastar os sarrafos de madeira, Alexandre ouviu os primeiros latidos e não pôde mais se conter. Enquanto chorava baixinho, evitando se virar na direção de todos para esconder sua

emoção abrupta, as lágrimas se misturaram ao seu sorriso já completamente incontrolável.

Uma semana depois, a família desceu ao Guarujá para passar o Ano Novo no apartamento que alugavam regularmente nessas ocasiões. Era para o menino um período de felicidade só quebrado no dia da saída, quando precisou lançar mão de um grande esforço ao abandonar os filhotes, embora apenas temporariamente. Ficaram na praia cinco ou seis dias. Alexandre se levantava bem cedo para correr na orla com o pai. O coronel Santiago Neto acordava diariamente às seis e meia, erguia-se da cama nas pontas dos pés para não ser percebido pela doutora Dagmar, e se punha ele próprio a preparar um rápido café da manhã. Fazia o café preto que a mulher tanto apreciava, cortava ao meio um mamão, torrava o pão, passava geleia de morango em quatro fatias, arrumava tudo numa bandeja e só então a despertava para que ambos comessem juntos ainda na cama. Apenas depois do ritual diário, e enquanto o marido fazia a barba, é que a doutora Dagmar chamava Alexandre para a corrida matinal.

As meninas ainda continuavam dormindo até a metade da manhã, quando pai e filho voltavam e tomavam banho antes de se instalarem à beira-mar com toda a família até por volta de duas da tarde, horário em que geralmente se sentavam em algum restaurante próximo para almoçar. Naqueles dias, ao contrário de outras ocasiões, Alexandre se mostrava bastante inquieto. Era a preocupação inevitável com seu incrível presente de aniversário. Todas as noites ele mesmo ligava para casa e conversava com o soldado contratado pelo coronel para cuidar de tudo por lá em sua ausência. Queria saber o que os cachorros haviam feito, se tinham comido a ração, brincado na grama, feito xixi e cocô no lugar demarcado, e no fim não sabia se ficava satisfeito ou magoado ao saber que os filhotes estavam se divertindo sem ele.

Na manhãzinha da véspera do Ano Novo, enquanto percorriam correndo num trote ritmado a orla ainda pouco movimentada, detiveram-se por alguns minutos ao dar de encontro com dois outros militares conhecidos do coronel. Depois de ser cumprimentado pelos homens e ouvir os elogios frequentemente

feitos a uma criança nessas circunstâncias, Alexandre se afastou alguns metros, abaixando-se para avaliar algumas conchinhas trazidas pelas ondas que salpicavam a areia mais fina. Olhando em direção ao alto mar e sentindo a brisa leve no rosto, admirou-se pelo azul daquela água aparentemente tão limpa. Contudo, mesmo distraído diante da imensidão e beleza do Atlântico, captou possivelmente sem querer alguns trechos da conversa do pai com os colegas. “Não, eu acho que não haverá grandes problemas”, disse o coronel Santiago Neto aos outros dois. “Se as coisas ficarem somente no âmbito interno, realmente não há com o que nos preocuparmos”, respondeu-lhe um dos homens.

Eram fragmentos de diálogos semelhantes aos que o próprio Alexandre se acostumara a ouvir em casa quando passava próximo ao escritório do pai, conteúdo cujo teor jamais atraía a atenção do menino. Mas ali, esperando o pai se despedir dos militares, ele se lembrou da carta anônima. De repente, uma sensação estranha e aflitiva tornou o oceano acinzentado à sua frente. Quando o pai o chamou para reiniciarem o exercício físico, sentia-se com o coração apertado. Ainda se deteve tentando reencontrar aquele azul das águas que tão bem lhe fizera apenas alguns instantes atrás. Mas percebeu a impossibilidade: a cor talvez tivesse resplandecido tão intensamente apenas em seu íntimo e não na extensa lâmina d'água.

Tentando se desvencilhar da impressão angustiante, pôs-se em pé num salto e seguiu os passos do pai, que já corria alguns metros à frente sem olhar para trás. Alexandre o alcançou e pediu para que parassem com a corrida e apenas andassem dali em diante. “Você está se sentindo bem?”, perguntou-lhe o coronel e gradativamente reduziu o ritmo até se situar numa simples caminhada. Percebendo o abatimento do filho estampado na palidez da face, preocupou-se abruptamente e estacou.

Desde que Alexandre se encontrava nos primeiros anos escolares, o pai o tinha como um garoto forte, rijo como se exigia nos círculos militares. Sua postura ativa, a voz bem postada, a andadura firme e ereta faziam lembrar um típico soldado. O coronel, para dizer a verdade, ainda não sabia naquela época se desejava ver o filho seguindo a carreira militar. Achava com razão ser muito

cedo, mas quando o observava em meio aos colegas se sentia orgulhoso, embora por razões de seu caráter constantemente grave jamais se permitira extravasar tais sentimentos. Contudo, cada vez que parava o jipe militar a caminho de casa para pegar o filho na saída da escola, o coronel respirava fundo e sua alma se enchia de confiança quanto ao futuro de Alexandre, nome escolhido a dedo entre os grandes generais e imperadores da história.

Agora, naquela bela manhã de praia sob o sol, com suas atenções inteiramente voltadas ao filho, aguardava a reação típica dos homens fortes e decididos. Alexandre, então, assegurou estar bem. E novamente ao lado do pai, quase sem se dar conta, pegou em sua mão para se sentir confiante e continuar andando.